



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
 AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
 PODE ABRI-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN
 28 de Outubro de 2006 • Ano LXIII • N.º 1634
 Preço: € 0,33 (IVA incluído)
 Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO
 Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
 Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tribuna de Coimbra

O nosso Jornal

COMUNICAMOS aos nossos assinantes e Amigos de perto e de longe que após eleições convocadas por mim para cumprir os estatutos vigentes da Obra da Rua, os Padres da mesma Obra elegeram como seu director para o quinquénio 2006-2011 o Senhor Padre João Rosa, da Casa do Gaiato de Coimbra. A ele está adstrita também a tarefa de dirigir O GAIATO.

Os Leitores já o conhecem pela sua *Tribuna de Coimbra*, ocupada após ter assumido a paternidade da Casa do Gaiato em Miranda do Corvo.

O mundo costuma fazer nestas alturas os seus elogios e manifestações de humildade. Entre nós não é assim. Cada um é como é e manifesta-se tal e qual.

Irei dedicar-me mais aos de fora de portas com o Património dos Pobres. Procurarei remediar as situações deficientes de habitação familiar que se me depararem e que eu descubra, como orientar e estimular os Párocos que estejam interessados em acarinhar os mais necessitados do seu rebanho.

Por imposição da lei temos de marcar no cabeçalho um preço superior aos trinta cêntimos.

Este valor não paga a despesa que fazemos com ele. Vale-nos que a maioria dos assinantes não se regula pelo frontespício do Jornal, mas pelos ímpetos do coração iluminado pelo Espírito.

Ficamos pelos trinta e três cêntimos deixando sempre a liberdade aos mais sacrificados de mandarem o que lhes for possível na certeza de que o preço d'O GAIATO é lê-lo.

Padre Acílio

Aniversário de Pai Américo

A 23 de Outubro de 1887 nasceu Pai Américo. Esta data não pode deixar de nos trazer à memória a «epopeia» que foi a sua vida. O que sonhou e realizou, como missão recebida do Alto, no mundo dos homens do seu tempo e que constitui, para nós, uma interpelação permanente.

A missão recebida da boca do seu Bispo, de então: «Mandaram-me tratar dos Pobres... Foi o que eu quis ouvir, era do que eu gostava...» Tornava-se, assim, acerto perfeito entre vocação e missão. Um exercício vivido sempre em perfeita sintonia com a Igreja-Mãe: «Nós somos dos Bispos», expressão sua que configurava esta preocupação de ligação e de afecto sacerdotal e que lhe mereceu admiração e apoio da Hierarquia. Basta recordar o apoio firme de D. António Ferreira Gomes, Bispo do Porto, e o carinho do Cardeal Cerejeira que constituíram, nessa altura, um sinal de aprovação eloquente.

Esta preocupação, de não dar um passo sem que sentisse os pés no regaço da Igreja, foi constante. Por isso, a Igreja sempre aceitou, com generosa simpatia e júbilo, o timbre do seu testemunho, descobrindo na acção deste Sacerdote, o reflexo do seu próprio rosto, o rosto da Caridade, expressão do Amor de Deus.

Mas foi principalmente a Igreja do Povo de Deus, que no quotidiano vive e testemunha a sua fé, quem

melhor intuiu a acção de Deus na acção sacerdotal de Pai Américo junto dos Pobres, trazendo estes para o Altar e do Altar para a vida. Intuição que perdura, ainda, nos nossos dias em muitos sinais de apoio e fraterna partilha para com a Obra da Rua.

Ser fiel ao testemunho de Pai Américo no seio da Igreja-Mãe e no nosso mundo tão cheio de carências decorrentes de novas pobreza que se vão aninhando e minam o tecido social; saber olhar o nosso mundo e os Pobres a quem somos enviados, hoje, em contextos tão diferentes do seu tempo, é um desafio grandioso. Basta recordar que muitos rapazes para os quais nos pedem acolhimento, já não trazem consigo qualquer referência parental consistente.

Uma fidelidade criativa, operante, não confinada ao «já adquirido», mas que se abra a novos horizontes e outras aportações de qualidade educativa, sem macular aquilo que é nuclear: a educação em ambiente de família, na qual os Rapazes como tal crescem numa interdependência saudável e construtiva, seguindo a matriz do Fundador: «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes», mas onde o elemento adulto, educador significativo, se possa compaginar com perfeição, não como um concorrente mas um comple-

Continua na página 4

Moçambique

O Vicente terminou o Curso de Analista

O Vicente partiu. Terminado o Curso de Analista, fez um Estágio no Serviço Nacional de Saúde em Biologia molecular e foi colocado no Hospital de Inhambane, como responsável do Laboratório, equipado com o que há de moderno para o efeito. Está entusiasmado com a investigação específica na área de HIV. Vamos esperar que o seu entusiasmo não esmoreça, pois, apesar da determinação do Ministro da Saúde, para que os seus técnicos estejam bem acomodados, nada encontrou como esperava.

Já o tinham prevenido que nada seria, como na Casa do Gaiato. O Director do Hospital até lhe perguntou se pensava fazer como outros que, chegados ali, logo desaparecem. Casa só se a fizer com o que ganha; terreno é muito caro. E, até agora, nem contrato de trabalho assinou, com certeza no receio de que perante as dificuldades arranque dali, como também fizeram, no ano passado, o Manuel e o António, técnicos de medicina.

Não admira também que especialistas contratados o tenham feito, quando ao fim de muitos anos de serviços prestados, se viram na obrigação de aceitar o salário moçambi-

cano. E Inhambane é capital de Província. Não deve ser pior que outras, apesar de Terra da Boa Gente. Mas o Vicente não vai arredar pé, senão daqui a uns anos quando tiver acesso ao Curso Superior. É um moço muito determinado.

Foi essa determinação que lhe valeu vir para nossa Casa. Andou mais dum ano a caminhar a pé, toda a semana, da Matola à Massaca a pedir entrada. Sozinho, com o pai, antigo combatente, a viver miseravelmente, só quando este deu entrada no Hospital, foi recebido.

O pai recuperou, mas veio a nossa Casa com outros amigos a pegar nele para o sacrificar, porque a mando do curandeiro tinha de o matar para acabar o feitiço.

O Vicente desapareceu daqui durante uns dias. Apesar de tudo, antes de ir para Inhambane, foi visitar a campa do pai e veio de lá triste porque quase já não o reconheceu, de tantos passarem por cima. «Se não fosse a cruz que lá deixei não sabia».

Ora a Academia do Bacalhau festejou, aqui, os quinze anos da nossa chegada e da sua fundação. São um grupo de amigos que nos empolgou à chegada e nos tem acompanhado, desde então, com a sua ajuda.

Entre os convidados estava o Vice-Ministro da Educação, que no programa transmitido daqui em directo pela TVM, durante duas horas, nos brindou com estas palavras: «Investir no homem é a

melhor coisa para um País como Moçambique. Acredito que esta é a forja do amanhã. Moçambique deve ser uma grande Casa do Gaiato».

Não nos envaideçamos, porque sabemos o que queremos e por amor de Quem o fazemos.

Mas pensar que a Obra da Rua nasceu em Portugal e tem dado ao País muito mais valiosos frutos (feliz Pátria se os mereces) e foi vilipendiada pelos «média» e desacreditada no seu método pedagógico, no ser e agir dos seus Padres,

constitue para nós mais ocasião de tristeza que de alegria. Houvesse Padres para a Obra, que já estaríamos na Beira, no Chimoio, em Nampula, em São Tomé, em Cabo Verde e até em vários países africanos, donde expressamente vieram convidar-nos. Mas a nossa Mãe Igreja, de quem o Pai Américo, na sua profunda intuição teológica dizia: «Ela é que é a Mãe, Ela é que dá o seio». Está com fome também e não tem como reparar.

Padre José Maria

Uma Boa Notícia

É verdade!, desta vez a Comunicação Social foi obrigada mesmo a subtrair espaço e tempo de antena às desgraças com que costuma exclusivamente ocupar-se, para noticiar esta bela e justíssima atribuição do Prémio Nobel da Paz ao Doutor Muhammad Yunus e ao seu (e de todo o Mundo!) Banco Grameen. É mais uma razão para darmos graças; e, se calhar, pensar-se em prémio Nobel para os *Media* que observassem muitas coisas boas que também há e acontecem neste Mundo e proporcionassem aos seus consumidores a alegria de lhes ser dado conhecê-las. Quem me dera que este alvitre chegasse à Suécia... e pegasse! (— Ó «Quim do Porto», vê lá se a TetraPak pode dar aqui uma mãozinha...!)

Pois não é inédita no *Famoso* a personalidade e obra do Doutor Yunus. Quem se lembrar da veneração e entusiasmo com que ele e sua actividade de Banqueiro dos Pobres foram apresentados nestas colunas, compreenderá a emoção com que escutei a nova na telefonia. Estava o nosso enfermeiro, o Luís, de Malanje, a pôr-me as gotas

prescritas no olho recentemente operado à catarata, e eu não sei se, naquele momento, foram elas que entraram se foi alguma lágrima que saiu.

A noite em conversa amiga, alguém me dizia: «Tudo bem. Só não vejo a relação da Paz com os premiados. O Doutor Yunus e o Banco Grameen não evitaram nem acabaram com nenhuma guerra». Ora «a Paz é o fruto da Justiça» — «Opus Justitiae Pax». Reinasse a Justiça no Mundo e não haveria guerras. E haverá Justiça num Mundo, ainda (e sempre, acrescentaria!) sub-aproveitado e pejado de desperdícios, em que reina a Fome?! Quem luta contra a Fome é um obreiro da Justiça, portanto da Paz. Ou será Paz apenas a ausência de algumas guerras entre forças armadas?! Não foi chamado de «guerra fria» o tempo que mediou entre o final da Segunda Guerra Mundial e a queda do Muro de Berlim?!

O contentamento que dá este Prémio Nobel é exactamente a sua essencial adequação, tal como aconteceu, há anos, com o concedido a Madre Teresa de Calcutá. A outros, atribuídos outra vezes, terá faltado, sim, tão ajustada coerência.

Oxalá esta boa notícia não esgote o interesse dos *Media* que podem e devem informar-nos do que o Banco Grameen já está fazendo, por exemplo, em Angola e Portugal.

Padre Carlos

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

BENTO XVI — Quer paróquias ao serviço dos Pobres. Espera que as comunidades paroquiais da Igreja Católica sejam uma referência para os Pobres, aos quais são chamados a dar apoio.

«Da união constante com Cristo, a paróquia tira energia para comprometer-se sem regatear esforços, no serviço aos irmãos, particularmente os Pobres, para quem representa uma referência primeira», disse o Papa aos participantes da assembleia plenária do Conselho Pontifício para os Leigos. A paróquia, sustentou, deve ser «uma família de famílias».

Já na sua encíclica «Deus caritas est», e na linha da tradição das primeiras comunidades, o Papa afirmou não ser tolerável que continue a haver, nas comunidades cristãs dos nossos dias, pessoas a quem falta o indispensável para uma vida digna.

POBREZA — Vem lá uma idosa que mal vê. Pede ajuda para aliviar-mos despesa que tem a pagar no óculo, receituário de um médico no sentido de poder ver, olhos que poderão ficar melhores.

— Não tenho dinheiro para estas coisas... Pôs em nossas mãos tudo o que precisa... que não consegue, sabe Deus como.

Os mais Pobres são assim, infelizmente.

Nesse dia aparece, também, um homem com dificuldades para acabar obra em sua casa...

— A gente não pode ir pedir ós Bancos para a nossa casa. O salário é pequenino...

A nós outros, aparece tudo de todos!

Os Pobres são assim!

PARTILHA — Roupas enviadas pelos CTT, do assinante 46120, de Almada. Boas peças!

O assinante 19205, de Lisboa, «aproveita enviar um cheque de cem euros».

O assinante 79104, de Coimbra, outro cheque para O GAIATO «cujo restante se destina a contribuir para o conjunto das despesas da vossa Conferência».

Da mesma forma, uma Amiga que não é assinante, cem euros, também.

Assinante 68372, do Porto, vinte euros. «É pouco, bem sei, mas com muito gosto; peçam a Deus para mim e para os meus. É o maior bem, para vós mesmos ajudarem os outros».

Cheque de 200 euros, da assinante 57002, da Senhora da Hora, que aqui aparece regularmente, disse: «Pequena migalha para os Pobres da Conferência de Paço de Sousa. Segundo as necessidades dos vossos protegidos, sei que será bem distribuída, e sinto-me grata por poder participar convosco na ajuda aos mais precisados. Deus vos proteja e ajude no vosso trabalho de fazerem bem».

Mais: cem euros, de um Leitor, de Carvoeiro, cuja carta é interessante.

Vinte euros, da assinante 79816, do Porto: «É pouco, bem sei, mas com muito gosto, peçam a Deus para mim e pelos meus. Haja saúde e paz, é o maior bem, e para vós mesmo, para ajudarem os outros».

Lourdes, de Cacém: «Cá vão os pózinhos do costume para os mais

Pobres: 35 euros. Tenho pena de não poder ajudar mais. Vou ajudando no que posso».

De Queluz, «uma anónima, assinante 22883, uma migalhinha para o que entenderem ser mais necessário e aliviarem o sofrimento de alguém».

Assinante 74260, da Covilhã, cheque «no valor de 100 euros, para atenderem as necessidades mais prementes. É uma pequena migalha. Que Deus vo-lo acrescente e abençoe o vosso trabalho tão digno e feito com tanto amor».

De Elvas, a minha terra!, a assinante 77386 pôs a assinatura d'O GAIATO em ordem e, para além do mais, a oferta «ser para saciar algum menino Pobre da idade do meu neto, de nove anos».

Para todos os Amigos, a nossa gratidão.

Eis' o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

DESPORTO — O nosso campeonato já começou. E começou da melhor maneira. Recebemos os Heróis Futebol Clube de Lousada. Com golos de Patrick e Agostinho, não permitindo que o nosso adversário marcasse qualquer golo, conseguimos, logo no primeiro jogo, uma vitória preciosa. Um resultado que peca, e de que maneira, por ser escasso, já que nem é bom lembrar, a série de golos que se falhou. A sorte não esteve realmente do nosso lado, sobretudo, no que diz respeito ao «Bolinhas» e ao «Russo», que tinham sempre como oposição, o poste e/ou a trave. No entanto, toda a equipa esteve bem, apesar de aqui e ali, se notar a força e a capacidade deste ou daquele, que neste princípio de época, está em clara evidência. Não vamos para já citar nomes, mas não estaríamos a ser injustos, se citássemos pelo menos dois ou três.

Rogério não jogou por se encontrar lesionado, e «Bonga» saiu ainda antes do intervalo por se ter ressentido da lesão que contraiu a época passada. Um pouco por causa disso, a dez minutos do fim, fizemos entrar dois miúdos que valem pelo seu talento, pela sua valentia, pela sua assiduidade aos treinos e que, no meio dos outros, nem parece que ainda pertencem ao escalão de Infantis. São eles: André «Garnisé» e Joaninha. No banco, do mesmo escalão, ainda estavam e que não entraram: «Bonguinha» e António Pedro. É que, nesta equipa, ninguém tem lugar cativo. Os treinos são para se fazer. E quem não quiser ser assíduo, não joga. Ninguém tem o direito de brincar com o esforço dos outros.

Temos dito algumas vezes nesta coluna que Patrick nem sempre tem estado bem dentro do campo. Agora, também é justo que se diga que, desta vez, aguentou o jogo todo, suportando todas as cargas do adversário e que como prémio, conseguiu marcar o golo n.º 1 da época de 2006/07. Espero que seja para valer. O que é preciso é que ele queira!...

Para terminar, e neste primeiro comentário ao primeiro jogo, não posso deixar de lembrar que o capitão da equipa tem como obrigação unir a mesma; dar exemplo dentro e fora das quatro linhas; não falar ao desbarato, jogando para e com a equipa. A bra-



Pelo doce das uvas, pela beleza das ramadas e dos frutos...

cadeira acarreta responsabilidades, obriga a muito sacrifício e ao dobro do trabalho. Ninguém consegue mandar bem e ser respeitado, se primeiro não servir, o melhor possível, os restantes colegas da equipa. Incentivar deve estar sempre na primeira linha e nunca desanimar quem quer que seja. Ninguém falha por querer.

Alberto («Resende»)

Setúbal

ESCOLA — Já começou há algumas semanas e tem estado a correr bem. Os rapazes mostram-se muito empenhados nos estudos para alcançar mais um ano de escolaridade. Espera-se dos rapazes uns bons resultados para valorizarem os seus estudos.

TORNEIO — Realizou-se há dois fins-de-semana atrás, a quarta e quinta Jornadas do Torneio de Futebol de Sete. As quatro equipas participantes têm estado ao nível do que se pretende desta competição. Tem havido disputa e muita disciplina entre as equipas. A ocupar o primeiro lugar encontra-se a equipa do Nuno Tavares, sem derrotas. Esperamos que continue assim.

BANDA DE MÚSICA — Recebemos no dia 1 de Outubro a Banda da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, que veio actuar no Auditório da Anunciada, em Setúbal, no encerramento da Homenagem ao Homem do Mar. Os rapazes da Banda além de irem tocar, vieram também conviver connosco. Divertimo-nos muito com a sua visita.

VACARIA — Nasceram duas vitelas gémeas de uma das nossas melhores vacas. Pena que uma delas, passado dois dias, tenha tido o seu fim. Temos também três bois cobridores, o «miranda», o «quebrado», e o «bush», sendo este novo demais porque ainda brinca com as vacas.

CAMPO DE JOGOS — Mais quinze dias e o nosso novo campo estará perto de ficar concluído. Os rapazes passam os dias à volta da construção e a planear o que irão fazer dele.

Daniilo Rodrigues

Malanje

A NOSSA ALDEIA — Está envolvida por um manto verde. Ao centro, o cruzeiro e a capela, construídos em pedra rosada, contrastam com as habitações e a natureza, simbolizando, assim, a nossa vida. Junto do Altar agradecemos, todos os dias, a beleza da Natureza, preocupações e alegrias, pedindo Graças para um novo dia.

Acácias e jacarandás supulódias, floridas, abraçam-nos, dando, no fim do dia, guarida aos passarinhos. Suas pétalas florescentes, avermelhadas, caem todos os dias formando tapetes de rara beleza. As lagoas cheias de tilápias e a natureza envolvente são, também, um atractivo para muitos dos que nos visitam. Muitos são os que passam seu dia, trazendo seus merendeiros, aproveitando, assim, um bom descanso. A nossa Casa é o *ex-libris* da cidade de Malanje. De vários pontos do país, muitos são os que chegam, ficando a promessa de voltarem.

Apareceu pela manhã, de «para-queadas», um jovem com sinais de bons tratos e bem apresentado. Perguntei porque vinha. Diz ser gaiato. Ausente uns bons meses, como afirma, quer voltar. Pergunto por irmãos, ao que responde ter um em Katepa. Mandei chamar o irmão para saber o que se tinha passado. Apreensivo com este interrogatório, estremeceu, baixando a cabeça. Como acreditar neste jovem? A ausência do nosso Padre Telmo levou-me a mandá-lo regressar à origem da sua proveniência, dizendo-lhe que viesse num outro dia.

Um outro garoto, após dois dias de permanência em nossa Casa, é resguardado pelos nossos rapazes, tentando, assim, passar-se como gaiato. Ao vermos a sua cara estranha, chamámo-lo. Tem 10 anos e um olhar triste. Foi-lhe perguntado como veio parar a nossa Casa. Sem documento nenhum. Diz que veio pela mão dum senhor chamado Pinho. Não sabemos quem é o fulano, deixando-o permanecer mais um dia, até a verdade ser apurada. O Bairro de Canambua é a sua morada. Dia seguinte, almoço e é entregue ao nosso condutor para que o leve junto da sua família.

Esta é a realidade de muitos jovens, perdidos e abandonados, entregues à mercê de quem os acolha. Onde estão

os seus direitos? Quem os protege? Como resolver situações como estas?

São histórias que ouvimos e presenciámos, que nos vão despertando a consciência e os apertos no coração ao longo de todo este tempo de permanência em África, de um Povo fustigado pelas guerras. Aprendi cada vez mais a amar a vida deste Povo.

Que seria da Europa se passasse o que estes povos, de África, passaram e passam, onde tanta gente morre por falta de condições de assistência médica? Contudo, amam a vida, sendo felizes dentro do que lhes é possível. Amar e ser amado é bom, mas melhor ainda é sentirmo-nos amados e úteis num país onde tudo falta, amor, carinho e o pão de cada dia a muitas famílias.

Veio para nossa Casa mais um «Batatinha», de 4 anos. Chama-se Tejito. É vivaço e esperto, rapidamente se adaptou ao meio dos nossos «Batatas». Irmão mais novo do Gíngongo que, pela idade avançada, nos deixou com esta presença. A nossa vida gira em volta das crianças e só por elas vale o sacrifício de quem tem esta responsabilidade. Amar e dar-lhes carinho, seria bom que nos aparecesse uma mãe disponível e carinhosa para tantos «Batatinhas» existentes nesta Casa de Malanje.

Vamos acreditar que um dia se iluminará o coração de uma mãe disponível para esta entrega. Dar-se, sem receber, é Obra de Deus.

Veio pela manhã, oriundo da Carianga, um casal idoso, para comunicar ao Padre Telmo que dois bois tinham invadido as suas lavras, comendo tudo quanto fora plantado. Triste com a notícia, diz: «Estes pastores não sabem dar conta do recado...»

— Vimos simplesmente dar conhecimento. Como não é a primeira vez, agradecemos que chamasse os pastores à responsabilidade e para que tenham mais atenção ao seu dever.

— Os senhores não podem ficar com o prejuízo, vou mandar chamar o Joãozinho para que lhes entregue mandioca, batata doce, assim como pagar.

— Senhor Padre, não queremos a sua preocupação, nós devemos-lhe muito.

Seus rostos apresentavam um olhar

Momentos

Vindimas

A época das vindimas é, por toda a parte e sempre foi, um período feliz da vida humana. A própria Bíblia fala da alegria das colheitas, encorajando-nos a suportar os sacrifícios da vida com esperança: «À ida vão a chorar, levando as sementes; à volta vêm a cantar, trazendo os molhos de espigas».

Pelo doce das uvas, pela beleza das ramadas e dos frutos, pelo conjunto das pessoas e, sobretudo, pela alegria emergente e contagiante, a vindima é uma experiência única e uma festa no trabalho.

Nesta Casa de Paço de Sousa, as vindimas demoram duas semanas, mas há um dia especial em que a *malta* entra toda. É o feriado de cinco de Outubro. Não há aulas. Vai estudar quem deseja e fazer as faxinas quem calha. Os restantes, se quiserem, vão vindimar.

Este ano só dois rapazes recusaram participar.

Toda a gente, espumante de entusiasmo e alegria, se agarrou às tesouras e às navalhas e, em grupos de três, com a sua vasilha de plástico, a que chamam dornas, se dirigiu para a vinha grande, empoleirados no reboque dos tractores, a subir, rampa a cima, encostada ao muro da quinta que nos limita.

Era uma cena digna de registo que me encheu a alma!

Teixugueira, Hugo e «Botija» e Serafim comandaram as *tropas* — tantos grupos em cada bardo.

O dia esteve limpo de nuvens, o sol brilhou a partir das 10h00 e aqueceu mesmo pelo meio-dia e tarde.

Após o almoço, às 13h30, os rapazes voltaram, com júbilo e mais determinados.

Surpreso com tão radiante generosidade, vim a descobrir que o segredo estava, também, no facto de, este ano, não vendermos as uvas, mas fazermos o vinho em Casa.

O ano passado, Padre Manuel Mendes, que é Engenheiro Agrónomo, por não ter conseguido colher todas as uvas na data marcada pela Adega compradora, fez vinho de uns restos do branco e de todo o tinto.

Comprou três vasilhas de aço inoxidável e três de plástico e fez um vinho admirável de gosto, de grau e de corpo.

Nós temos vendido as uvas à média de vinte cêntimos o quilo. Pouco mais paga do que a colheita.

Porque não fabricarmos nós o vinho? — A dificuldade está na sua comercialização, pois o que produzimos é muito mais do que o necessário para o consumo da Casa.

Ora bem! Vamos pôr na Aldeia uns cartazes a anunciar que vendemos vinho, do nosso, ao garrafão e à garrafa. Os nossos Amigos, que têm Restaurantes, podem, também, encomendar-nos, após terem provado, o que é bom, puro e favorável ao desenvolvimento agrícola da nossa esplendorosa quinta de Paço de Sousa.

Os rapazes deliraram com o trabalho na adega. Carregar as dornas para o desengaçador, segurar a mangueira transportadora dos bagos meio esmagados para a prensa, ver o vinho a correr na bica para uma larga bacia de plástico, depois de passar por dois filtros, observar a altura do vinho nas cubas, apertar as prensas até espremer todo o sumo, acrescentar a medida exacta da solução sulfurosa, deu-lhes a noção real e sensível da feitura do vinho.

A nossa Adega, ampla, alta, fresca e bem delineada, merece que nela fabriquemos o que há de mais abundante e mais trabalhoso na nossa agricultura — o vinho verde.

Por nós, por esta lição viva, pelos resultados na sensibilidade e inteligência dos rapazes, pela sua alegria e comunhão e por esta faceta da vida familiar, vale a pena não só vindimar como, também, fazer o vinho em nossa Casa.

Padre Acílio

Malanje

«Deus ou satanás»

L há dias numa revista francesa.

«Não queremos mais Deus». De facto o diabo vai tomando conta de tudo:

As suas discotecas sempre em acção. «O senhor está aqui?» «Espero uns amigos para ir — por motivo de avaria — respondi»

«Fuja, não vá o diabo tecê-las, é ele que reina aqui.»

«Não sabia que estava numa zona de discotecas...»

Também ele está com seus filmes e televisões a seu jeito — habilidoso!

Seus grupos de crime.

Seus grupos de droga.

Suas «catedrais» satânicas.

Sorrindo deliciado nos montes de dinheiro.

Também sorratamente, entrando nas Igrejas onde faz que reza.

«Toda a terra está hoje corrompida com a sua presença.»

Que fazemos nós os cristãos? Como afirmamos a nossa fé? Que armas contra este poder — por Deus? Como lutamos? Como romperemos o círculo apertado para a Luz do amor e do Reino?

Só um grande amor, uma fé sem limites, uma total entrega e, sobretudo, uma amorosa e absoluta confiança em Deus.

O Senhor quer e espera que cada cristão se ponha a caminho — já hoje.

Cada um pode escolher o caminho de satanás — o inferno...

Cada um pode escolher o caminho de Deus — o Céu...

A nossa juventude foge, hoje, das Igrejas — «como o diabo da cruz».

Alguns grupos, graças a Deus, prevalecem e perseveram...

«E se só dez justos na cidade vais destruí-la?» «Se dez justos não irei destruí-la.»

«Minoria Abraâmica!», é de facto.

A misericórdia de Deus — só Ela! Nos pode salvar desta podridão.

Padre Telmo

DOCTRINA

Tudo indica que se começa

a regressar

ao verdadeiro comunismo cristão...



A Caridade que se dá sem medida. Não de maneira nenhuma a caricatura que dá festas nos salões.

Ele é verdade que agora se vai ouvindo qualquer coisinha neste sentido aos Grandes das Nações. Disse há dias um Ministro britânico que nos seus tempos de estudante tivera ocasião de observar a verdade em certos bairros miseráveis de Londres e que se sentia contente por ter a oportunidade, Ministro que era, de fazer alguma coisa em favor «dos seus Irmãos». Londres também tem os seus bairros de penúria, mas os que lá moram não estendem a mão. Curtem a fome honestamente dentro do seu pardeiro. Seja cá, seja lá; quer peçam, quer não — todos os que precisam são da comunidade.

GOSTO de ouvir falar assim aos Ministros das Nações. Tudo indica que se começa a regressar ao verdadeiro Comunismo Cristão — o que, por ser tarde, é melhor do que nunca. Quando se tem caminhado muito depressa e desvairadamente, regressar é progredir.

Nota-se hoje por toda a parte uma vontade muito firme de dar a mão. Há desejos de regressar; saudade da vida dos primeiros cristãos. Os bairros imundos têm desaparecido e em seu lugar levantam-se casas pequeninas e airosas que faz cobiça lá viver. Começam os Pobres a ter esperança.

UM exemplo: Um dos rapazes da Obra da Rua, actualmente colocado em Lisboa, requereu uma casa destes novos bairros onde deseja habitar com a mulher. Não está condenado à vida baixa, forçado a viver em casas doentias, tentando fugir para o Café, como dantes necessariamente acontecia. Tem na sua mão garantias de trabalho certo, ordenado suficiente, casa limpa, amor de família. Parece que vamos entrar na era do Comunismo Cristão. eu cá já não tenho medo de que os nossos rapazes de hoje andem amanhã ao farrapo, por ter amarrados. O requerimento deste meu filho, cuja cópia me veio desamparado, enche-me de alegria. É uma certeza. Não se pode ir muito depressa, onde não havia nada feito ou se teve de desfazer o que era começado.

D. Amén. 5.!

(Do livro *Doutrina*, 1.º vol.)

Toda a gente, espumante de entusiasmo e alegria, se agarrou às tesouras... — tantos grupos em cada carreiro.



sereno, de almas límpidas e corações bondosos. Vieram de mãos vazias, partiram da mesma forma, percorrendo treze quilómetros.

Exemplo de um Povo resignado, capaz das maiores vicissitudes. Os pastores são pessoas simples, humildes, de pouca capacidade. Exemplo disso, seus apelidos. Cara podre, ex-combatente das FAPLA, considerado o maluco do batalhão; de seguida, ingressa na Polícia Nacional, que lhe acrescentaram a cara podre; cara suja, cara feia, três adjectivos que condizem com o seu aspecto: Zumbi, espírito da terra, homem feiticeiro. Em Kimbundo, canzumbi. Louva a Deus, pastor de olhos vinhos, sempre de mãos postas quando se fala. Homem pássaro, um ganhador. São estes que, no fim-de-semana, se esquecem do seu dever, bebendo caporrito, deixando, assim, o gado à deriva. Que fazer com estes pastores? Ter paciência e estar mais atentos para que não haja descuidos como este.

O portão, colocado à entrada da Aldeia, foi atropelado e festejado pelo nosso condutor, Bento. Reparado e de novo no lugar, leva, ao fim de alguns dias, uma outra amolgadela, não sabe-

mos por quem. Porque será? A presença do nosso portão é sinal de respeito pela propriedade. Não desanimamos, reparamos e colocamos, de novo, no seu posto, esperamos mais atenção e respeito pela nossa Casa.

Jacinto é «Batatinha», alegre e muito esperto. Parte do seu dia, brinca com carrinhos feitos por ele. Com 10 anos, anda nos trabalhos de limpeza dos terraços.

Capuchinho, com 17 anos, apresenta um corpo de adulto e mentalidade infantil. Pelas 4 da madrugada, veio pedir as chaves da sala onde se encontra o leite para o pequeno-almoço da Comunidade. Não era da sua conta esta tarefa, substituindo quem lhe pertencia. A hora do pequeno-almoço chega, e o leite desaparecera. Quem e como aconteceu? Não sabemos. Chama-se o responsável pela tarefa, para dar explicação da sua ausência. Estava doente. diz. Fomos averiguar e o resultado era uma preguiceira aguda. O responsável era o nosso Russo, assim se chama. «Uma boa bisca». De novo se pergunta ao Capuchinho, para que se explicasse, dando assim uma boa razão para tudo o que acontecera.

Tenta, desculpar-se, o que não consegue, ao mesmo tempo que ria descontroladamente. A sua capacidade diminuída levou-nos a suspender a investigação, dando, de novo, leite para o pequeno-almoço. Assim se encerra este capítulo.

Alguns dos nossos Rapazes têm mãos pegajosas, tudo quanto vêem lhes agrada. Porque será? A necessidade e dificuldade para sobreviver em tempo de guerra assim os levaram. Roubar, não; desviar, sim. Palavra mais suave aceite por todos. Vamos esperar para que o verbo desviar se torne em verbo deixar. As tentações são fortes, mas o acompanhamento de cada Rapaz dá-nos confiança e com o esforço de cada um, será melhor. É assim a nossa vida. Aceitar a mentalidade dos tempos em que vivemos.

Os nossos antigos gaiatos que são motoristas, sempre que por cá passam, não deixam de nos visitar, lembrando o seu passado. Nando, Amadeu, Canequito, Paulo Jorge, foram os mais recentes. É bom saber que não somos esquecidos. Sinal de uma educação e de princípios. Dar valor e ser valorizado é, para nós, promoção social.

Júlio Silva



O Carlos e a família do Nave, menos o Emanuel, à beira do rio Moselle onde foi assinado o Tratado de Schengen.

Setúbal

Do Estado pediram a nossa ajuda para um rapaz

ORGANIZAÇÃO do Estado pediu a nossa ajuda para acolhermos determinado rapaz, com idade a entrar na adolescência. Não é esta a melhor idade para começar a fazer parte de uma nova família, mas, ainda assim...

Num Domingo à tarde fomos ao encontro dele. Tivemos que pedir ajuda a várias pessoas para localizarmos o domicílio, mas, mesmo perto, era desconhecido.

A intuição foi-nos conduzindo

até perto dele. Estávamos perto do cemitério da freguesia e, um amontoado de barracas rodeadas de lixo de toda a espécie, fazia-nos desconfiar que seria ali que o encontraríamos.

Estacionámos o carro mesmo à entrada do sítio onde ele morava. Alguém nos dissera para perguntarmos af. Foi ele mesmo o interlocutor que encontramos.

O rapaz pouco vai à escola e, apesar das facilidades que a Escola põe no caminho dos estu-

dantes, vem repetindo consecutivamente o mesmo ano.

O ambiente em que vive é de prostração e sem horizontes de presente e de futuro. Embora não tenha surpreendido o seu desinteresse pela escola, admirei-me com a vontade de todos os que o rodeavam para que o moço saísse dos limites que ali tinha e viesse conosco em busca da sua dignidade. Fiquei sentido e admirado.

A poucos metros daquele lugar, grandes prédios se erguem e apon-

tam um céu a que o rapaz, os que o rodeiam e muitos outros, não têm acesso. Aglomerados de barracas como este que encontrei, vão-se instalando em diversos locais, escondidos do olhar de quem passa.

Os seus habitantes são gente que vem fugindo da fome. Quem não fugiria dela?

O rapaz ficou contente com a mão que lhe oferecemos e, como ele, todos os presentes. Virá depois conhecer-nos melhor e ver

se ainda tem abertura de alma para abraçar uma vida nova.

Pena que em tantos anos ninguém tivesse dado conta dele. É que, corre-se o risco de a sociedade o perder e se perder. Com muitos outros, o risco tornou-se realidade.

À profunda transformação social que vivemos, importa responder mais do que com linhas e rebuscadas palavras, com actos de acolhimento e partilha.

Padre Júlio

PENSAMENTO

A oração em comunidade é presidida pelo garoto de semana, tanto à mesa como nas camaratas, ao deitar e ao levantar. As em particular são feitas por cada um, a seu talante.

PAI AMÉRICO

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

mento educativo de qualidade. Abertura ao voluntariado de qualidade e inteligência e de coração. Situam-se nesta linha criativa os Conselhos Pedagógicos actuais das Casas do Gaiato.

Fidelidade àquela intuição que encheu de sentido a vida de Pai Américo como educador cristão e nesta frase magistralmente resumiu: «A alma vale mais do que o corpo... por ela sangrem os Padres até ao fim...»

Neste aniversário, meditando na sua vida, agora definitivamente «escondida com Cristo em Deus», olhamos as nossas Casas do Gaiato, por cá e por terras de África, com alguma apreensão, por falta de obreiros. Sacerdotes, Senhoras, Voluntários; gente que entre, «mergulhe» e transforme aquilo que porventura pareça menos próprio. Um movimento transformante a partir da entrega humilde e generosa. Que saibamos aceitar a novidade e a crítica. Também elas são construtivas e fazem andar. Sobretudo, saibamos com sabedoria «pôr Deus no seu lugar», pensamento tão querido de Pai Américo quando fazia entender que a Obra não era dele, mas de Deus. Que sejamos apenas executores de um projecto educativo que tem a marca da transcendência; do qual não somos donos, mas Deus somente.

Padre João

CORRI o risco de não vos escrever. Voltas e mais voltas, por caminhos sem lei nem ordem, à busca das moradas onde vivem irmãos nossos, que mais parecem buracos. Não me deixam em paz, enquanto não subir e descer com eles para saber onde vivem. Também não quero deixar-vos em paz. A felicidade será tanto mais total, na medida em que é partilhada pelos caídos e levantados, graças ao vosso amor. Descer e subir são palavras carregadas de mistério, que nos falam de paixão e morte irmanadas com a ressurreição e glória.

Estou a lembrar-me do grão de trigo que, se não cai no sulco e não morre, fica só. Mas, se cai e morre, renasce pleno de vida que faz a alegria de todos. Assim a minha e a vida de cada um de vós. É uma imagem rica e cheia de luz. Temos que descer como o Bom samaritano e erguer-nos com a carga dos irmãos nossos, assaltados no seu caminho pela miséria e pobreza extrema. Temos que ser trigo moído para nos transformarmos em pão que dá vida e vida em abundância. Quem nos dera ser assim!

Por isso, descí ao sulco das cubatas, em risco de caírem por falta de alicerce e o risco causado pelas primeiras chuvas. É impressionante a forma como vive a maioria do nosso povo, nos bairros que nos rodeiam! Não podemos parar, enquanto não mudarem as condições de vida. Não podemos fazer tudo, nem uos compete. Dar a mão, sim! Foi uma peregrina-

Benguela

Descer e subir como Bom Samaritano

nação encantadora, com dois pequeninos pela mão, aos quais se juntaram muitos outros, com as caras muito sujas da lama do caminho, em contraste com a alegria de nos ver junto deles.

O lugar da Igreja e dos seus padres é, antes de mais, junto dos mais pobres e miseráveis. Ali, onde nem o Estado, nem outras forças vivas gostam de dar a cara. É preciso mostrar o rosto maternal de Deus, presente na sua Igreja. Esta é a missão primeira dum consagrado e duma consagrada, desde o Baptismo até ao ponto mais alto da vida cristã. E por que não de todo o ser humano, crente ou não crente?

Ando a esgravatar, como a galinha, à procura de meios materiais para ajudar estes irmãos. Passei pelas empresas da especialidade a pedir descontos especiais para alguns materiais de construção. Nunca damos tudo. A caridade é dinâmica e ajuda a descobrir o capital humano onde se julga que não há nada. Cada um tem que pôr o que é capaz de fazer. Mas, ando aflito!

Por outro lado, chovem os pedi-

dos para receber novos filhos, em nossa Casa. Temos uma porta muito estreita, por onde passam somente aqueles que são verdadeiramente abandonados. Por isso, tivemos que dizer não. É fácil tentar resolver os problemas das crianças com o modo de pensar dos adultos. Temos que nos fazer crianças, como o caminho mais certo para sabermos o que é melhor para a criança. Assim aconteceu, há dias. Fomos procurados por uma tia para aceitarmos dois sobrinhos que ficaram sem os pais. Ainda têm alguma família? Sim. Fomos ver. Que bom! A avó prontificou-se a ficar com eles, cheia de alegria. Daremos ajuda, quando for preciso. O problema estava no internamento. A família e o padrão familiar é a pedra de toque para o crescimento e educação dos filhos. Outro modo de ser é artificial, por mais aperfeiçoado que seja nos meios técnicos. A engenharia social nunca pode substituir ou responder ao apelo da própria natureza. Vamos continuar. Esperamos por vós.

Padre Manuel António

A Família – Crónica de viagem II

Luxemburgo, mormente Alzette, a cidadezinha satélite da Capital aonde nos dirigimos, tem um rosto mais próximo das nossas terras: prédios decerto menos imponentes que os de Bruxelas, mas mais alegres com suas paredes diversamente coloridas e mais acolhedores pela sua dimensão familiar. Nas ruas, não são precisos muitos passos para ouvirmos gente falando o português, tantos são os nossos compatriotas que ali vivem, muitos dos quais detêm lugares de pequeno comércio mais frequentado pelo povo. Deus os ajude a prosperar honestamente numa postura de cidadania que sirva o país que os acolhe e honre o país natal onde não encontraram semelhantes oportunidades. É justo que tenham a preocupação deste duplo serviço enquanto desenvolvem as actividades que lhes dão sustento agora e fundam o seu futuro.

A imagem que tinha do Luxemburgo vincou-se. Aqui me parece não ser muito atrevido o uso da palavra «oásis». País pequeno, sem grandes riquezas naturais, quase escondido entre os maiores da Europa, conseguiu uma ordem social, regra geral eficaz e inteligente com apoios fundamentais às Famílias, os quais, todavia, não constituem um artifício proteccionista nem estimulam a inércia — a peste da *subsidiarite*. Dar e exigir — eis a norma que julgo explicará a harmonia social patente que põe o Luxemburgo à frente em quase todas as áreas de comparação.

O nosso Nave lá vive, há uns quinze ou dezasseis anos, e trabalha de motorista e manobrador de máquinas. A Isabel desde pequenina. É deles a moradia que habitam e compraram em mau estado e deficiente de estruturas hoje indispensáveis. Como ele é jeitoso para todos os ofícios e ela não tem medo de sujar as

mãos, fizeram os dois equipa para a empreitada que durou estes anos e está à beira do fim. Uma casa aprazível, suficiente para o casal e seus três filhos; e que ainda dá para acolher visitantes, desta vez só eu e o Carlos; mas ainda não há muito acampou nela um grupo de raparigas da Tuna Universitária do Porto porque dele fazia parte uma *parente* filha de outro Rapaz da Obra, neste momento já licenciada em medicina. Uma casa, pois, capaz de dilatar-se à medida do coração dos donos.

Mas outra constatação me deu profunda felicidade. Ali é centro onde podemos saber notícias de outros dos nossos emigrantes. E a fraternidade entre eles desfaz distâncias e trá-los, quando possível, à convivência de irmãos como algum tempo antes tinha acontecido com o Lito, vindo da Suíça. «Como a Família é verdade!»

Quando no Verão (este ano faltaram!) a família do Nave aparece e fica uns dias connosco, talvez os Rapazes que ora estão em Casa, pensem: «Olha uns *ricaços* que vêm do estrangeiro!» Ricaços, não; mas felizes, sim — porque têm aproveitado os dons de Deus, saúde e bom entendimento e trabalho com força, para construírem eles mesmos a sua felicidade. É a lição que nos deixam — e eu já a sabia, mas agora fiquei a saber melhor!

Domingo, celebrei em português para uma Assembleia reunida (Igreja!) de portugueses. Depois do almoço, munidos do merendeiro que a Isabel não preparou e ambos muito contentes, Carlos mais eu partimos de regresso a Portugal. Quase vinte e cinco horas de viagem com breves paragens. Uma cansa... que me rejuvenesceu!

Padre Carlos